



# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136. Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa. Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

**VIMARANENSES:** Chegou a hora de cumprirdes o vosso dever. Alcançadas todas as facilidades do Governo da Nação, de esperar é que a construção do Monumento aos Heróis da Grande Guerra não se faça demorar, mercê do esforço de todos vós, do vosso intrínseco bairrismo e nunca desmentido amor-pátrio.

Subscrevei, pois, para o Monumento, comprando o selo comemorativo. **Por Portugal-Maior! Por Guimarães!**

## A comemoração Gilventina

### A verdade histórica e os insensatos

As propostas infelizes só podem ter defesas infelizes e «insensatas».

Foi o que aconteceu. «A diferença que se pretende fazer entre a morte (extinção da vida real) e a morte (extinção do génio literário) é pura bizantinice.»

Quem havia de dizer que, na comunicação do sr. dr. Júlio Dantas existiam duas faces? — Uma (a do adiamento) e que mais interessava à Câmara foi agarrada logo para que não fugisse. A outra, isto é, aquela em que o sr. dr. Júlio Dantas afirma — segundo o relato do Diário de Notícias de 24 de Abril — que «o facto de superior interesse não é, julgo eu, a morte do homem; é a morte do poeta. E o poeta, ou porque se extinguísse na velhice e na doença, ou porque circunstâncias de ordem política ou religiosa impuseram silêncio ao seu génio — o poeta, repito, não o homem, deixou realmente de existir em Dezembro de 1536, data da representação da sua última obra», constitui para o infeliz defensor da proposta do adiamento «pura bizantinice». Este critério é bem elucidativo e revela claramente as intenções de tal adiamento.

Mas vejamos a «verdade histórica». Onde é que ela existe? Nos que dizem que Gil Vicente morreu em fins de 1536 ou nos que afirmam que a sua morte se deu entre 1536 a 1540? Saíram para a rua os imitadores de Diógenes a vêr se a encontram. E foi atrás de tal hipótese «verdade histórica» que a Câmara correu para acompanhar a Academia das Ciências!!! Simplesmente deplorável.

Se «nenhum centenário de figura histórica até hoje celebrado, deixou de se cingir a esta regra simples e lógica: a) ao ano do nascimento; ou b) ao ano do falecimento» onde é que se foi buscar um e outro para se poder dar base segura à lamentável resolução camarária?

Verificamos já que a Academia só adiou a comemoração para o ano de 1937, pelo facto de se encontrar «em férias no próximo mês de Dezembro». Se a Academia não estivesse em férias nesse mês, a comemoração seria feita neste ano.

O ponto assente, e nisto estão de acórdio todos os escritores que teem estudado tão genial figura, honra e orgulho de Portugal, que Gil Vicente viveu, pelo menos, até Dezembro de 1536. Mas se a comemoração se fizesse na nossa terra ou em 8 de Junho, aproveitando o feriado da cidade, ou em Agosto, aproveitando as Gualterianas, não era caso que bradasse aos céus.

O que eu defendi e defendo é a erecção do monumento, ideia esta que teve o aplauso de alguns dos melhores valores nacionalistas, e de jornais como o «Correio do Minho», o «Diário da Manhã», «A Voz», o «Diário de Lisboa», etc. O sr. dr. Jorge de Faria no artigo que publicou no Diário da Manhã, de 25 de Março, que tão depressa se esqueceu, não deixou de acentuar que a morte de Gil Vicente foi «plausivelmente pelos fins de 1536». No entanto deu todo o seu aplauso à ideia de que a primeira pedra para o monumento fôsse lançada no «dia 8 de Junho, feriado municipal de Guimarães». E porquê? Porque, além da «verdade histórica» — que neste caso não existe — há muitas vezes a oportunidade da comemoração: — em 8 de Junho aproveitando o feriado da cidade consagrado a Gil Vicente, para se lhe prestar a justa homenagem a que tem direito, ou, então, em Agosto para imprimir às Gualterianas o maior brilhantismo possível e dar às festas, a-par dos costumeiros números, um cunho mais acostumadamente cultural, colaborando-se assim naquela política de espírito em que tanto se fala. E que a oportunidade da comemoração sobreleva muitas vezes a «verdade histórica» vai verificar-se dentro de dias com a comemoração do ano X da revolução de Gomes da Costa, em Braga, num dia em que essa revolução não

ia além da boa-vontade dos conjurados. Porque se escolheu o dia 26 e não o dia 28? Suponho, porém, que, por este facto, a nossa Câmara não fará protesto em favor da «verdade histórica», antes aparecerá em Braga, no dia designado e na sua máxima força.

No mesmo dia em que aparecia à luz a infeliz e «insensata» defesa, escrevia o sr. dr. Agostinho de Campos, em O Comércio do Porto um interessante artigo onde afirmava: — «Em 1902 celebrou-se o quarto centenário da representação do Auto da Visitação ou Monólogo do Vaqueiro, estreia de Gil Vicente como compositor e representante de autos. Agora, vinte e quatro anos volvidos, parece assente que se comemorará este ano o quarto centenário do seu «canto de cisne», da representação em 1536 da comédia Floresta de enganosa. E porque os séculos não se medem aos palmos, este novo jubileu poderá estender-se por 1937, tanto mais que alguns fixam conjecturalmente em 1537 a data da morte do genial poeta.»

O sr. dr. Agostinho de Campos também pertence à Academia. Mas, como não pega ao andar do sr. dr. Júlio Dantas, entende que a comemoração se deverá fazer neste ano podendo, porém, «entender-se por 1937».

Por aqui se verifica de que lado está a «insensatez». Por aqui se vê a razão que me assiste em defender o lançamento, neste ano, da primeira pedra do monumento, cuja conclusão, certamente, se faria em fins de 1937. Terminemos, pois, este artigo, com este conceito de moralidade do sr. Agostinho de Campos: «é bom começar cedo; mas ainda é melhor andar para diante».

20 de Maio de 1936.

Manuel Alves de Oliveira.

## Visita presidencial

Aproveitando a vinda a Braga dos srs. General Carmona e dr. António de Oliveira Salazar, que, como está largamente anunciado, vêm assistir à comemoração do Ano X da Revolução Nacional, a realizar na próxima terça-feira, na vizinha cidade, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal convidou Suas Ex.ªs a visitarem Guimarães, visita esta que terá lugar no dia 27 do corrente, quarta-feira, estando-lhes preparada uma brilhante recepção, na Câmara Municipal, onde serão dadas a Suas Ex.ªs as boas-vindas.

No Hotel da Penha, será oferecido, a estas duas figuras representativas do Estado Novo, um almoço, ao qual devem assistir as primeiras individualidades da União Nacional, Câmara Municipal, Autoridades militares e civis, e elementos do Comércio, Indústria, professorado, etc., etc.

## A Torre da Alfândega

Admirável de beleza, o aspecto apresentado pela recém-nascida Torre da Alfândega! Tam ramilhoqueira, tam enfeitada, não teremos dúvidas em afirmar que ela oferece regalo aos olhos gulotões que tenham a tentação do verde, e, mais ainda, apetite insaciável. . . .

É e foi para aquilo que se

pretendeu reconstruir o velho muro, onde nem sequer, para imortalidade dos progenitores, as ameaças mostram os rudimentos sêiteiras, tam de uso naqueles históricos tempos?!

Mas... adiante. A Torre da Alfândega é um pino de ouro.

## Quem espera...

Em nota oficiosa do snr. Director do M. Alberto Sampaio, veio-se acusar o Pároco de S. Paio de negligente e pouco cuidadoso sobre o que respeita ao restauro da Igreja de S. Domingos, informando-se o público de que a culpa era dêle e só dêle, visto que nunca se interessou pela apresentação do chamado «caderno de encargos».

Já o silêncio cobriu e arrefeceu os efeitos dessa «nota», as horas tornam-se intermináveis, e nada, absolutamente nada que venha justificar das causas que produzem o «atrito» e fazem emperrar o restauro da Igreja da Colegiada, há muitos meses sondado:

— Que há caveira de burro, a ninguém reste dúvidas; não obstante, como encontrá-la se a época é rara para Golias que, só numa das mãos, possam soerguer uma queixada?

Vaidade das vaidades, tudo vaidades.

## E assim...

Aquela genial ideia de quererem mandar construir em frente do Castelo dos Almadas — que no Tomo I do Livro dos Reguengos figura como pertencente aos Amoris — um póço à antiga portuguesa, com caramanchel, sarilho, polé, baldes e tudo, em verdade é singular e única, revela vastos conhecimentos de pré-história e define as exigências da alta sabedoria que, no dizer de Mestre Aquilino, é acessível a todos os graus de inteligência. — Nem de propósito... .

E assim... verificará toda a gente a exiguidade do custo da obra, feita e tornada Guimarães um reguengo de auto-didatas voluntariosos.

## Mirante ou devassidão?

Tomada a decisão *sponte sua*, viu-se demolir o muro vedador do quintal do Asilo de Santa Estefânia para que — dizia-se —, naquela estreita faixa de terreno, conhecida por vuela dos Paços dos Duques de Bragança, se fizesse construir um miradouro que, em boa contemplação, oferecesse o panorama citadino. Localizado o terraço e esboçado, talvez, o projecto, a ideia levou sumiço, e vá de se considerar na devassidão em que se encontra o azilo das meninas desvalidas, pensamento este que mais alarme traz ao espírito ao constatar-se que tudo teve efectivação para conhecimento do bom critério com que o presumido «arranca-monta-

nhas» discorre àcerca de obras, onde não faltem a beleza e a utilidade.

— Que dirá o Ministério das Obras Públicas, único dono daquela propriedade?

## As legendas do Monumento

Tendo-se suscitado dúvidas sobre a inscrição principal aposta na *maquette* do monumento a erigir nesta cidade aos Heróis da Grande Guerra, não quiz o autor do projecto, sr. Capitão Duarte Fraga manter em rigorismo a legenda por si escolhida, autorizando que a digníssima Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra se pronunciasse sobre 4 novas inscrições que, por intermédio da Direcção Executiva Pró-Monumento, lhe foram apresentadas por aquele nosso amigo e àcerca das quais deliberou consoante o exposto no officio n.º 144/36, que a seguir transcrevemos:

... Snr. Luiz Filipe Gonçalves Coelho, Secretário da Direcção Executiva Pró-Monumento aos Heróis da Grande Guerra.

Em sessão de hoje, a Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra tomou conhecimento da Consulta dessa patriótica Direcção Executiva, constante do officio n.º 8 de 20 de Abril findo.

Acitando a honrosa incumbência que lhe foi conferida, pelo citado officio, a Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra, sob a presidência de S. Ex.ª o Presidente Snr. General Lujs Augusto Ferreira Martins, e encontrando-se presentes S. Ex.ª o vice-Presidente, Snr. Almirante Afonso de Cerqueira e os vogais Ex.ªs Srs. Coronel Henrique Pires Monteiro, Tenente-Coronel Dr. Vitorino Guimarães, Major Augusto Lima Barreto, 1.º Tenente Dr. Garcia da Silva e Capitão Guilherme C. Oom, estudou detidamente as inscrições propostas, que eram as quatro seguintes:

- 1) Soldados da Grande Guerra.
- 2) Combatentes da Grande Guerra.
- 3) A Seus Filhos que bem mereceram da Pátria.
- 4) Aos que se bateram e caíram pela Pátria.

Assim, em harmonia com a consulta da Direcção Executiva Pró-Monumento aos Heróis da Grande Guerra, de Guimarães, que atribuiu a esta Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra, o carácter de Tribunal Arbitral para apreciação e julgamento do assunto, resolve por unanimidade, que a inscrição «A Seus Filhos que bem mereceram da Pátria» seja adoptada no projectado monumento aos Mortos da Grande Guerra do Concelho de Guimarães, da autoria do Ex.º Sr. Capitão Duarte Ferreira de Gusmão Sousa Fraga e esboçado pelo Ex.º Sr. Escultor Henrique Moreira, a erigir na Cidade de Guimarães.

Esta resolução consta da acta n.º 343, exarada no 16.º Livro de actas, em 13 de Maio de 1936.

Com as saudações desta Comissão e votos pela mais feliz e rápida realização deste patriótico projecto, divida sagrada da Cidade e Concelho de Guimarães, queira aceitar V... as expressões da minha maior Consideração e lial Camaradagem.

A Bem da Nação.

Lisboa, 13 de Maio de 1936.

O Secretário Geral,

Coronel Henrique Pires Monteiro.

## «Noticias de Guimarães»

Por motivos bem contrários à nossa vontade vai o presente número um pouco atrasado, do que pedimos imensa desculpa a todos os que nos lêem.

## O Sonho da Beleza

Deixai-me deslumbrar no sol que adoro tanto, Viver uma outra vida em muda companhia Das arvor's e flor's! Ouvir o meigo canto Dos passaritos bons, ao despontar do dia!

Viver esta velhice, assim, longe do pranto, Numa consolação sagrada de alegria! A minha alma é doente e todo o seu encanto E' viver a sonhar, viver em fantasia!

O lobo não mudou!... E continua a uivar!... E' sempre o mesmo lobo a uivar e a devorar! O lobo seu irmão!... Meu coração é velho!...

Imunda Babilónia, ó monstro da torpeza: Meus lábios vão beber o sonho da beleza, Vão lêr na solidão o místico Evangelho!

DELFIN DE GUIMARÃIS.

## A Epopeia do Vinho

Desde bem remotas idades tem sido costume chamar-se epopeias às obras máximas da Poesia onde a magnitude do assunto é correspondida pela magnificência da forma.

A Eneida de Vergílio e os Lusíadas de Camões são altos modelos para o caso.

Modernamente chamam poemas a pequenas composições em que o autor se ergue a altura bem acentuada aonde o levam os arroubos da inspiração.

Também há poemas em prosa. O Telémaco e o Eurico são exemplos consagrados.

Grande poeta foi Horácio e as odes em que celebrou o vinho são de tão alta inspiração como de difícil latitudade.

No passado ano de 1935 as nossas livrarias ofereceram ao público um formoso volume onde se lia Arte de beber o Vinho do Porto.

J. C. Valente-Perfeito era o Cantor do Vinho.

A sua prosa é linda.

O seu estilo é apurado e rico.

O seu gosto é sempre fino.

A revisão do livro é cuidadíssima.

Os seus conhecimentos na Arte são surpreendentes.

Podemos chamar a êsse belo livro a Epopeia do Vinho.

O autor não tem recebido a consagração que merecia.

Mesmo os que não se excedam na adoração do velho Baco deveriam ler atentamente a preciosa Epopeia e colher dela os variados e úteis conhecimentos que o Autor nos revela.

Se é alto prazer libar uma taça de precioso champagne, mais duradoura delícia é saborear a leitura desta Arte e sugar nela doces ensinamentos da Vida.

## Misericórdia de Guimarães

Larga e fecunda tem sido, como já tivemos ocasião de afirmar, a acção espalhada pela nossa benemerita Santa Casa da Misericórdia, que, desde há muitos anos, grangeou a estima e a admiração gerais, conquistando honrosamente o nome de ser «a nossa primeira instituição de beneficência e uma das mais importantes do país pela largueza da sua acção benfazeja. Nos últimos três anos, foram beneficiados, pela Misericórdia, cerca de trinta e seis mil pobres!»

Possuindo e administrando o Hospital Geral de Santo António, Asilo de Inválidos de S. Paio, Recolhimento das Trinas, Igrejas da Misericórdia e de S. Dámaso, Capela de S. Lázaro, e dos Inválidos de Donim, Hospital António Francisco Guimarães e o Albergue Sousa Martins, de Vizela, grandes têm sido os esforços e canseiras dispendidos pelas ilustres Mesas que teem estado à frente deste belo estabelecimento. A actual Mesa, composta de indi-

vidualidades dignas de todo o respeito, continua animada das melhores e mais belos intentos, fazendo por tornar maiores e mais eficientes os benéficos das benemeritas instituições a seu cargo, melhorando-as tanto quanto possível por forma a bem servir a Causa da humanidade.

O movimento de doentes no Hospital António Francisco Guimarães, de Vizela, foi o seguinte, durante o ano de 1935: Consultas no Banco, 175; doentes entrados durante o ano, 62; existiam, em 31 de Dezembro de 1934, 18. Doentes saídas durante o ano, 63; curados, 36; melhorados, 11; no mesmo estado, 9; falecidos, 7; ficaram existindo, em 31 de Dezembro, 17. Operações de pequena cirurgia, 12; curativos feitos no Banco, 1.635; injecções applicadas, 597.

Asilo de Inválidos, de S. Paio (cidade) — Além do pão e caldo a pobres externos, todas as quintas-feiras, este Asilo mantém e alberga actualmente 33 inválidos. Total de pobres contemplados, 2.340.

Asilo de Inválidos, em Donim — Simpática e generosa é a ideia instituída neste Asilo: fornecer pão e caldo aos pobres, em trânsito, que se queiram aproveitar desta concessão. Também sustenta e agasalha 13 pobres inválidos.

Total de pobres contemplados, durante o ano findo, 4.320.

Recolhimento das Trinas e Asilo Albergue Sousa Martins, de Vizela — Tem, respectivamente, 9 e 2 pobres.

Como se vê deste pequenino sumário, é grandiosa a obra da caridade da Misericórdia de Guimarães, bem merecendo das almas caritativas da nossa terra o seu indispensável auxílio, a fim-de, com êle, contribuir para tão alta missão, ajudando-a nos seus importantes melhoramentos, pois cada vez mais, e dia a dia, são maiores as necessidades a satisfazer. Se são grandes já os benefícios prestados à pobreza de Guimarães, êles tornar-se-ão maiores ainda com a boa-vontade e o carinho de todos quantos desejam e querem vêr progredir na sua acção de benemerência a Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

Auxiliá-la, pois, é contribuir e concorrer para o engrandecimento do mais benemerito estabelecimento do Concelho.

Francisco Pinto Rodrigues Advogado R. Gravador Molarinho — Guimarães TELEFONE 172

TIPÓGRAFO Compositor, habilidad., oferece-se. Carta a D. R. para esta Redacção. O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

# A Associação Comercial e as Festas da Cidade

Com o pedido de publicação, a que gostosamente acedemos, recebemos da Associação Comercial e Industrial o seguinte comunicado:

«A Direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, em sua reunião extraordinária de hoje, resolveu dar publicidade à seguinte

### NOTA OFICIOSA

Na sessão camarária de 4 do corrente mês, foi, pelos vereadores srs. António Lopes de Carvalho e Dr. José Maria de Castro Ferreira, apresentada uma proposta cujos considerandos visam directamente a Associação Comercial e Industrial. A referida proposta foi dada, por intermédio dos jornais, a maior publicidade.

Impõe-se à direcção da colectividade atingida o dever de, perante o público, em geral, e, especialmente, perante os seus associados, esclarecer os factos a que os aludidos considerandos se referem, de modo a não deixar, no espírito de quem quer que seja, quaisquer dúvidas sobre a perfeita correcção do seu procedimento.

Não se destinam os esclarecimentos a aqueles que, conhecendo bem as pessoas que dirigem a mais importante e valiosa Associação vimaranense, sabem que elas já jamais incorreriam na prática de actos que deslustrassem o merecidíssimo crédito de que goza, desde a sua fundação, tão prestigiosa colectividade. Há, porém, em casos como o presente, necessidade absoluta de não deixar passar, sem o devido correctivo, afirmações que estão longe de corresponder inteiramente à verdade, e que, providas de onde provêm, assumem maior gravidade, por terem carácter oficial, dado que a referida proposta mereceu a aprovação dos demais componentes da Vereação.

Foi a resolução tomada na sessão de 4 deste mês, por esta Direcção, sobre a realização das Festas da Cidade — que lhe fôra incumbida pela Câmara, em virtude de uma proposta apresentada em 30 de Abril passado pelo sr. Lopes de Carvalho — que determinou a apresentação da proposta em questão, proposta que, salvo o devido respeito pelas funções administrativas que exercem os seus representantes e aprovadores, é manifestamente infeliz: — por contender com uma colectividade que sempre tem mantido, e continuará a manter, com elevação e dignidade, o seu tradicional prestígio; por contribuir para tornar de inviável solução um assunto que, com melhor vontade, poderia resolver-se; e, finalmente, por ter como nefasta consequência a não efectivação das Festas da Cidade, tão queridas de todos os vimaranenses e tão necessárias ao bom nome e ao progressivo desenvolvimento desta Terra.

A resolução tomada pela Associação Comercial não podia, de modo algum, deixar de ser a que foi. Não havia outra maneira de acatular devidamente o êxito das Festas, pois que, para a sua realização, é imprescindível contar absolutamente com disponibilidades materiais bastantes para lhes fazer face. Ora, factos anteriormente passados com a Comissão Executiva das Festas — Comissão que a proposta dos srs. Lopes de Carvalho e Dr. Castro Ferreira implicitamente dissolveu, sem qualquer prévio entendimento com as entidades que a compunham — levaram a Direcção da Associação Comercial ao convencimento de que só poderia assegurar um bom desempenho do encargo que, de surpresa, lhe fôra atribuído, se porventura dispuzesse, desde logo, sem quaisquer condições ou limitações, da verba que para as Festas a Câmara havia arrecadado dos municípios.

Essa resolução foi tomada com toda a ponderação, como é próprio das pessoas conscientes das suas responsabilidades, depois de analisados devidamente aqueles factos, relatados aos restantes componentes da Direcção pelo Presidente desta, seu representante na referida Comissão Executiva. Não envolve, como muito expressamente se afirmou, a mais ligeira desconfiança. Só pode assim interpretá-la quem queira, com manifesto espírito de acinte, tirar ilacções erradas de atitudes que são de uma evidente clareza.

Se na proposta dos srs. Lopes de Carvalho e Dr. Castro Ferreira se dissesse, por exemplo, que esta Direcção pusera mal o caso, isso perfeitamente se admitiria, pois cada um pode ter, com mais ou menos consciência, os pontos de vista que melhor se quadrem com o seu entendimento; mas que nessa proposta haja o manifesto objectivo de atacar uma colectividade, credora, pelo menos, de um tratamento cortês, desvirtuando completamente as intenções de quem tem o encargo de dirigila, é que já não é admissível, pois os documentos oficiais não devem revestir o aspecto de polémica jornalística, mesmo quando, como no caso presente, sejam redigidos por *letrado* com nome feito entre os mais excelsos cultores das letras pátrias...

Esclarecido o objectivo da resolução desta Direcção, é indispensável

focar, para devidamente as rectificar, algumas das considerações da questionada proposta.

Estranha-se nela que àquela resolução fôsse dada publicidade, afirmando-se que «da nota oficiosa da Associação Comercial e Industrial de Guimarães resultou uma larga divulgação, de efeitos desprimorosos, não só para o brio da vereação como para o prestígio da instituição municipal...»

Ora, a Associação Comercial não fez publicar qualquer nota oficiosa. Mandou para a imprensa a cópia da decisão que tomara, como costuma fazer sempre que os assuntos sobre que se pronuncia são, pela sua natureza e pelo importância que revestem, de interesse público. As Festas estão, indubitavelmente, neste caso, pois nada, neste momento, poderá interessar tanto os vimaranenses como tudo quanto a elas diga respeito. A Associação Comercial cumpria o imperativo, indeclinável dever, de dar publicidade à sua atitude, para que todos os habitantes da cidade e do concelho soubessem que, a não se efectuarem as Festas, a ela não caberia no facto a menor responsabilidade. Se assim não procedesse poderia haver quem, no futuro, lhe assacassem uma culpabilidade desprestigante.

E, pois, mera especulação o dizer-se que a Associação Comercial «para mais agravo, fez dar o maior ruído de publicidade ao seu ultimatum». Não há na Direcção desta Associação, quem tenha o culto da publicidade, como creem certos indivíduos que, na ansia de se elevarem acima do nível comum dos mortais, constantemente propagandeiam as suas pessoas e as maravilhosas produções das suas inteligências invulgar e das suas enciclopedicas aptidões...

Não é mera picuinha o ter-se afirmado que durante estes últimos quatro meses nada se tivesse feito em prol das Festas Gualterianas. Nunca as verdadeiras se chamaram... picuinhas. Concretamente, praticamente, nada se fez — e a prova é o que se vê. A não ser que se entenda que é fazer alguma coisa em prol das Festas ter conduzido os assuntos a elas respeitantes de tal maneira que se chega à conclusão de resolver... não as realizar. O facto da extinta (?) Comissão Executiva se haver reunido alguma vez não habilita a afirmar que se tivessem tomado quaisquer resoluções de cuja efectivação resultasse a certeza de que as Festas se realizariam, e só isso se houvesse verificado é que, na verdade, se poderia dizer que se tinha feito alguma coisa por elas. O redactor da proposta bem compreendeu, certamente, o que se queria dizer, mas, obedecendo às tendências irremediáveis do seu espírito, lembrou-se da... picuinha.

Por entendimento com a Câmara havia sido nomeada, com o encargo de tratar da realização das Festas da Cidade no ano corrente, a já mencionada Comissão Executiva, composta de representantes da Câmara, da Associação Comercial e Industrial e da Delegação do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio, respectivamente os srs. António Lopes de Carvalho, Silvino Alves de Sousa e António Laranjeiro dos Reis.

Foi atribuída a vida desta Comissão — e bem contribuiu para isso o primeiro destes srs. que, estabelecendo uma curiosa duplicidade entre a sua qualidade de membro da Vereação e da Comissão, foi apresentar àquela, sem a aprovação, nem sequer o conhecimento dos seus colegas nesta, uma proposta para a efectivação de um número cujos encargos iam pesar de uma maneira inoportuna sobre o orçamento das Festas. Aos reiterados pedidos de aumento de subsídio opôs sempre a Câmara a mais terminante recusa, sem que nada se fizesse valer a intervenção do mesmo Sr., que acabou por afastar-se, sendo substituído pelo Sr. Dr. José Francisco dos Santos.

Em reunião a que assistiram algumas individualidades conjuntamente com aquela Comissão, foi apresentado, pelo Sr. Capitão Duarte Fraga, um interessantíssimo alvite para a realização de um número de seguro êxito, que preenchesse o dia de domingo das Festas e assegurasse a vinda de milhares de forasteiros. Tratava-se de um cortejo de carácter histórico, que deveria resultar, sem dúvida, de extraordinário efeito, mas cujo custo excedia em muito as possibilidades de que a Comissão dispunha.

Foi apresentada, a seguir, a ideia de se integrar nas Festas a comemoração do Centenário de Gil Vicente, para o que a Câmara contribuiria com a verba de 15.000\$00, a isso já anteriormente destinada; mas, conforme o do conhecimento público, como a Academia das Ciências, por proposta do Sr. Dr. Júlio Dantas, tivesse transferido para o ano próximo essa comemoração, a Câmara, dando a essa resolução foros de verdade oficial, igualmente a transferiu. Contudo, se tivesse ido por diante a ideia, muito dificilmente as Festas se realizariam com o brilho indispensável, pois da verba a elas exclusivamente destinada se teria de tirar uma avultada importância, para prover às despesas emer-

gentes do Centenário Vicentino, e a Câmara não a aumentaria — era sua inabalável resolução, conforme sempre o afirmara o sr. dr. José Francisco dos Santos.

Por que a comemoração gilvicentina não se realizou, a Câmara resolveu, aprovando a proposta nesse sentido apresentada pelo Sr. Carvalho, na sessão de 30 de Abril p. p., confiar à Associação Comercial o encargo de realizar as Festas da Cidade e as Feiras de S. Gualter, sem qualquer entendimento com a Comissão Executiva, que por esse modo extinguiu.

A esta proposta chama o Sr. Lopes de Carvalho «proposta de confiança e sem condições». Antes, porém, de a apresentar, o sr. Carvalho deveria entender-se com a Associação, pois não é razoável que se fizesse a entrega de um encargo daquela natureza sem prévia consulta da entidade que dele tinha de desempenhar-se. Se tal se houvesse feito, certamente não se teria chegado ao que se chegou.

O querer-se que a Associação, ou qualquer dos seus membros, deveria ir junto da Câmara, posteriormente à aprovação da proposta, para justificar a conveniência de qualquer medida, é contra-senso, desde que não houve o cuidado de, anteriormente, a consultar, sequer.

«Não envolvia a resposta do sr. Carvalho qualquer condição?...»

«Teria já sua ex.ª, ou a Câmara, que aprovou o seu alvite no sentido da criação do número regional, desistido desse número cujo custo só se poderia suportar se o Município aumentasse a dotação das Festas?...»

Fica plenamente demonstrado que a atitude da Associação Comercial não envolve, de maneira alguma, «uma mal dissimulada recusa em tomar o encargo das Festas da Cidade...». A Associação não usa destes expedientes. Procedeu, em todas as circunstâncias, com dignidade e exemplar correcção. Nada mais grato lhe seria do que tornar realidade uma das mais caras aspirações do povo de Guimarães, tanto mais que com isso só iria beneficiar os interesses dos seus associados. Para tanto, porém, era necessário e indispensável que tivesse amplamente garantidos os meios materiais de o fazer.

Pergunta-se: é só porque a Associação entende que, para se desempenhar do encargo das Festas, é preciso que, desde já, fique à sua disposição a verba a elas destinada, a Câmara resolve não as efectuar? Porque não há de a Câmara, rodeando se de quem muito bem entender, tomar sobre si o encargo das Festas? Ou seria a resolução da Associação óptimo pretexto para «uma mal dissimulada recusa», em tomar esse encargo?...»

Não é a Associação quem, neste caso, se desprestigia, pois a própria Câmara, aprovando a proposta dos srs. António Lopes de Carvalho e dr. Castro Ferreira, reconheceu ser esta colectividade a única capaz de levar a cabo as Festas da Cidade, — Festas que, por isso mesmo que são da «Cidade», ao Município incumbem fazer tudo por que não deixem de realizar-se.

«Os brios da Associação», e o «interesse do comércio logista», que ela representa estão bem entregues — pode disso ter a certeza o redactor da proposta que acaba com as Gualterianas. «Infrutuoso», acto associativo teria ele praticado se não soubesse, nesta emergência, como, aliás, sempre tem sabido, manter o seu prestígio.

Deliberou a Câmara retirar da verba destinada às Festas — e para elas exclusivamente criada — a importância de 40.000\$00. Não importa, para o caso, saber o destino que ela dá a esta importância, destino que pode ser, e oxalá seja, muito frutuoso, mas pergunta-se: *podia fazê-lo?*

A resposta só pode ser uma: **Não!** — pois foram postergados os interesses e os direitos dos Municípios, que para as Festas, *sómente para elas*, haviam contribuído.

Para terminar, uma categórica afirmação, que o exposto plenamente demonstra: não é por culpa da Associação Comercial que não se fazem as Festas.

O público ajuzará a quem cabe a responsabilidade — e a todos julgará. Os dirigentes da Associação Comercial ficam com a consciência tranquila, e não teriam vindo a público com estes esclarecimentos se não fôra o terem sido incivemente atacados.

Guimarães, 22 de Maio de 1936.

A Direcção.

### Comemoração Gilvicentina

No Salão de Festas do Azilo de S.ª Estefânia

Na próxima semana serão postos à venda os bilhetes para o Sarau de Gala que o Grupo Cénico «Mocidade Alegre», tenciona levar a efeito, no dia 8 de Junho, no Salão de Festas do Azilo de Santa Estefânia. A farsa Inês Pereira — admirável arranjo do grande Mestre de Teatro, António Pinheiro, marcada proficientemente pelo

eminente actor, sr. Joaquim de Oliveira, terá como principais protagonistas as srs.ª D. Maria Luiza Xavier de Carvalho, Maria da Luz, Filomena Monteiro e Maria do Carmo Ferreira, e os srs. António Abreu Bastos, João Xavier de Carvalho, Miguel Rodrigues, Salvador Dantas e Domingos Ribeiro, além das inúmeras personagens consideradas figuras de pantomina que se apresentarão em trajes rigorosíssimos, escolhidos e baseados em gravuras da época, a cargo do conhecido costumier portuense, sr. Jaime Valverde.

O cenário, apresentado dentro dos moldes requeridos pela farsa, está a cargo do pintor-cenógrafo vimaranense, sr. Joaquim Teixeira.

A este Sarau devem assistir as autoridades locais, Academie, Bombeiros, Associações de Classe e Grupos Recreativos, a quem vão ser endereçados convites.

## DESPORTO

Continuando...

Terminamos o nosso anterior artigo por apresentar, sobre a situação do «Vitória S. Club», duas soluções à decisão dos associados e amigos deste Club, e que são: — ou o fim da própria agremiação ou a sua modificação num agrupamento de modestos recursos.

Duas correntes de opinião há tempos se vêm formando, e cada qual procura defender o seu ponto de vista aduzindo razões e argumentos a tomar na devida consideração.

Uns defendem um «Vitória» composto de jogadores sem salário, pela economia que disso resultará, atirando para plano secundário a qualidade do grupo.

Outros esforçam-se em defender um grupo misto, composto de jogadores assalariados e amadores, capazes de, pelo seu valor e qualidade, elevar o nome do Club e atrair às suas competições um público numeroso e dedicado.

Estas duas correntes são unânimes em declarar o desejo do «Vitória» continuar a viver, esforçando-se nesse sentido para que a cidade não sofra o desgosto de ver desaparecer uma entidade que valoriza o meio, pela sua acção prestimosa e louvável.

Têm os primeiros razão absoluta em encarar em primeiro lugar a vida financeira da associação, pois sem ela, em estado são, a existência do Club é fictícia e insustentável. Restringir as despesas pela organização dum grupo sem jogadores assalariados seria o desejo máximo, se o *team* não diminuísse de valor e poder. Mas, neste momento, é impossível. A equipe que resultaria do conjunto dos jogadores-amadores do «Vitória» era de pouco valor, portanto de categoria inferior.

O «Vitória» sustentar-se-ia com um grupo de tal natureza? Podemos afirmar convictamente: Não! Todos os clubs vivem à sombra dos louros dos seus triunfos. A história do Club vimaranense no-lo mostra bem clara. Enquanto a sua equipe representativa foi forte e possuía jogadores da classe de Armando Freitas, irmãos Mendes, José Campos, Sousa, etc., viveu. Logo que o *team* enfraqueceu com a saída de alguns desses jogadores, os seus triunfos foram mais escassos; o público afastou-se e sem ambiente, nem amparo, o «Vitória» teve de desaparecer. Depois dum intervalo longo reviveu, e a sua existência tem corrido até nós conforme o seu prestígio e a sua acção. Os seus grandes triunfos têm sido o desafio de apuros graves e a salvação de apertos decisivos.

Os segundos, dentro duma lógica mais actualizada, compreendendo melhor as circunstâncias que hoje existem, defendendo a criação duma equipe de valor, integram-se dentro do aspecto mais racional da questão. Uma equipe que consiga ser finalista do seu grupo e da sua zona e ir além disso, até as finais do campeonato da 2.ª liga, era conseguir interessar o público, atraí-lo ao campo de jogos, aumentar as receitas e deliciá-lo com bons desafios. Um grupo fraco, que se contentasse em ocupar um lugar na cauda da classificação, tanto no campeonato regional como noutras competições, era condenado a, sómente, realizar jogos com grupos de categoria inferior, sem despertar interesse nem desejo, afastando assim o público em detrimento da bilheteria.

É não seria, desta maneira, apressar o fim duma agremiação que se deseja sustentar?

Se as duas faces da questão que, hoje, detalhadamente, expomos e sobre ela se terá de pronunciar todos os que desejam a vida do «Vitória».

No passado domingo, em Braga, realizaram-se dois encontros de futebol para a disputa do campeonato das categorias inferiores: Reservas e segundas.

Em reservas, o «Vitória», empatou com a mesma categoria do «Sporting» por 1 a 1.

Em segundas, o «Vitória» venceu igual grupo do «Comercial» por 3 a 2.

Como estes desafios são decisivos para o título máximo, o «Vitória» é considerado campeão em segundas categorias e as reservas têm de fazer novo encontro.

Felicitações aos componentes das segundas categorias pelo seu triunfo.

Almeida Ferreira.

## Secção Científica

Ai por meado de Fevereiro continuava o mau tempo. Não apetecia contemplar a atmosfera. Como consequência o demorar-me à mesa das refeições escrevendo letras ou números. E perante a sôma  $1 + \frac{1}{2}$  de que me havia de recordar? Dum último capítulo do livro de álgebra do meu tempo de estudante, cuja leitura fiz já extra-escolarmente.

Disse então comigo: — «O conteúdo daquele capítulo é assim como uma introdução aos estudos superiores, onde existe o cálculo integral e diferencial, que ao certo não sei o que seja, mas de que em rapaz ouvi referências, como qualquer coisa de lendário, de supra-humano, qual lenda de Rómulo ou gigante Adamastor. Entretanto por algum meio hei-de passar o dia.»

E fui somando e subtraindo quebrados ao valor inicial, não quebrados abstratos, de operações usuais, mas concretos ou relativos a cada total ou diferença até aí realizável, como se por exemplo a 100 juntasse metade e depois nova metade ou retirasse metade e depois nova metade e dissesse:  $100 + \frac{1}{2} = 150$  e  $+\frac{1}{2}$  de 150 ou  $75 = 225$ ;  $100 - \frac{1}{2} = 50$  e  $-\frac{1}{2}$  de 50 ou  $25 = 25$ .

Ad ir anotando certas relações estimulou-se-me a curiosidade e prossegui variando de valores básicos, de repetição de vezes fraccionárias, de espécies de fracções, e até misturando estas. Pois tanta simplicidade e permanência descobri nessas relações que quasi estive a exclamar como Arquimedes — «Eureca» (achei). Não o fiz por me lembrar que o achado não ultrapassava os efeitos de enxertia ou de mondagem, acessíveis a qualquer mortal.

Como curiosidade, porém, é simplificariva, é educativa de economia ou desperdício, e serve de passatempo a contabilidade por adaptável a juros compostos e amortizações.

Efectivamente, como no fecho se verá, responde a perguntas como estas:

- 1.ª: Qual o montante de uma letra de 1.000 escudos a juros anuais acumulados de 10% no fim do 6.º ano?
- 2.ª: Qual o restante em débito, ao fim do 4.º ano, de uma letra representativa de 200 escudos, amortizável a 20% anual do capital progressivamente reduzido?
- 3.ª: Qual o montante ou restante se a acumulação ou amortização anual fosse alternante de 10 e 20%?

As fórmulas que obtive sofrem de uma imperfeição: Não foram generalizadas a ponto de formarem a certeza científica. Por exemplo: na mistura de fracções de espécie diferente não foi verificada a fórmula para quantidade desigual de vezes entre cada espécie. Que outros, se nisso tiverem interesse, consigam a verificação. Por mim é bastante estar convicto de que não é forçoso sair da própria localidade para se crer que a terra é esférica, se a ciência como esférica a considerar.

E como no caso do sinal + as quantidades fraccionais se integram no valor inicial, e no do sinal — se desintegram produzindo diferenciações, já que não consigo atingir o cálculo a que acima aludi, ao menos contento-me com a miragem dos seus nomes.

Restringindo as minhas locubrações a poucos moldes, em que os 1.º quebrados de soma (S.) ou resultado (R.) são efectuados por contagem directa no modo corrente, esses moldes chegam para elucidar.

Servem os que vão ser indicados:

### INTEGRAÇÃO | DESINTEGRAÇÃO

A mesma espécie de fracção:

$$\begin{aligned} \frac{2}{3} \left( 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \dots \right) & \left| \frac{1}{3} \left( 1 - \frac{1}{2} + \frac{1}{3} - \frac{1}{4} + \frac{1}{5} - \dots \right) \right. \\ S = \frac{2}{3} \left( 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \dots \right) & \left| R = \frac{1}{3} \left( 1 - \frac{1}{2} + \frac{1}{3} - \frac{1}{4} + \frac{1}{5} - \dots \right) \right. \\ \frac{2}{3} \left( 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \dots \right) & \left| \frac{1}{3} \left( 1 - \frac{1}{2} + \frac{1}{3} - \frac{1}{4} + \frac{1}{5} - \dots \right) \right. \\ S = \frac{2}{3} \left( 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \dots \right) & \left| R = \frac{1}{3} \left( 1 - \frac{1}{2} + \frac{1}{3} - \frac{1}{4} + \frac{1}{5} - \dots \right) \right. \\ \frac{2}{3} \left( 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \dots \right) & \left| \frac{1}{3} \left( 1 - \frac{1}{2} + \frac{1}{3} - \frac{1}{4} + \frac{1}{5} - \dots \right) \right. \\ S = \frac{2}{3} \left( 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \dots \right) & \left| R = \frac{1}{3} \left( 1 - \frac{1}{2} + \frac{1}{3} - \frac{1}{4} + \frac{1}{5} - \dots \right) \right. \end{aligned}$$

Que concluir desde já?

Que o quebrado final (a seguir ao de contagem directa) contém 2 factores, sendo o 1.º, a letra cheia, o quebrado inicial lateral e o 2.º dado pelo denominador da fracção, com acréscimo ou diminuição de 1 unidade para o numerador, conforme integração ou desintegração, e com os termos elevados à mesma potência, igual ao número das fracções — 1;

Que para o valor básico — a unidade, o quebrado final (último na S. ou R.) se resume no quebrado inicial lateral com expoente igual ao número das fracções, e os termos desse quebrado inicial diferem entre si apenas em 1 unidade;

Que para o valor básico — a unidade, o quebrado final é ímpar no numerador e par no denominador se a fracção fôr  $\frac{1}{2}$  e o inverso se a fracção fôr  $\frac{1}{3}$ ;

Que em desintegração o quadrado final tem por numerador a unidade se a fracção fôr  $\frac{1}{2}$ .

### INTEGRAÇÃO | DESINTEGRAÇÃO

2 espécies de fracções:

Número básico — a unidade:

$$\begin{aligned} \frac{2}{3} \left( 1 + \frac{1}{2} \right) \frac{2}{3} & \left| \frac{1}{3} \left( 1 - \frac{1}{2} \right) \frac{1}{3} \right. \\ \left( \frac{2}{3} \times \frac{2}{3} = \frac{4}{9} \right) & \left| \left( \frac{1}{3} \times \frac{1}{3} = \frac{1}{9} \right) \right. \\ S = \frac{4}{9} + \frac{2}{9} + \frac{2}{9} + \frac{2}{9} + \frac{2}{9} + \dots & \left| R = \frac{1}{9} - \frac{1}{9} + \frac{1}{9} - \frac{1}{9} + \frac{1}{9} - \dots \right. \end{aligned}$$

Número básico múltiplo da unidade:

$$\begin{aligned} 3 \left( 2 + \frac{1}{2} \right) \frac{3}{2} & \left| 1^2 - \frac{1}{2} \right) \frac{1}{2} \right. \\ \left( 2 \times \frac{3}{2} = 3 \right) & \left| \left( 1 \times \frac{1}{2} = \frac{1}{2} \right) \right. \\ S = \frac{9}{2} + \frac{3}{2} + \frac{3}{2} + \frac{3}{2} + \frac{3}{2} + \dots & \left| R = \frac{1}{2} - \frac{1}{2} + \frac{1}{2} - \frac{1}{2} + \frac{1}{2} - \dots \right. \\ \left( \frac{3}{2} \times \frac{3}{2} = \frac{9}{4} \right) & \left| \left( \frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4} \right) \right. \\ S = \frac{9}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \dots & \left| R = \frac{1}{4} - \frac{1}{4} + \frac{1}{4} - \frac{1}{4} + \frac{1}{4} - \dots \right. \\ \left( \frac{3}{2} \times \frac{3}{2} = \frac{9}{4} \right) & \left| \left( \frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4} \right) \right. \\ S = \frac{9}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \frac{3}{4} + \dots & \left| R = \frac{1}{4} - \frac{1}{4} + \frac{1}{4} - \frac{1}{4} + \frac{1}{4} - \dots \right. \end{aligned}$$

Que concluir também para a mescla de 2 espécies de fracções em número igual de vezes?

# Da Cidade

## Dos Livros. Dos Jornais.

Que para valor básico — a unidade, obtidos os quebrados iniciais dêsse valor com a 1.ª ou 2.ª espécie de fracção, o quebrado final (a seguir ao de contagem directa) compõe-se de 2 factores ligados pelo sinal X, e cada factor é o quebrado que seria para uma única e respectiva espécie de fracção; mas

Que realizado o produto dos quebrados iniciais, em parêntesis, êsse produto, a letra cheia, é o 1.º factor do quebrado final (a seguir a «ou»), sendo o 2.º às 2.ªs partes dos indicados 2 factores;

Que para valor básico múltiplo da unidade, a diferença consiste em intervir no denominador do 2.º factor, êsse próprio valor básico, a letra cheia, concluindo-se daí que intervem igualmente, por nada modificar a multiplicação por 1, ao tratar-se do valor básico — a unidade;

Que perante o mesmo efeito, dadas as operações respectivas, quer o comêço seja por 1/2 quer por 1/3, a ordem inicial alternante das fracções é arbitraria.

### INTEGRAÇÃO | DESINTEGRAÇÃO

Mais de 2 espécies de fracções:

$$\frac{1}{(3x^2 + \frac{1}{2}x + \frac{1}{4})} = \frac{1}{(3x + \frac{1}{2})} \times \frac{1}{(2x + \frac{1}{4})}$$

$$\frac{1}{(3x^2 + \frac{1}{2}x + \frac{1}{4})} = \frac{A}{(3x + \frac{1}{2})} + \frac{B}{(2x + \frac{1}{4})}$$

$$1 = A(2x + \frac{1}{4}) + B(3x + \frac{1}{2})$$

$$1 = 2Ax + \frac{A}{4} + 3Bx + \frac{B}{2}$$

$$1 = (2A + 3B)x + (\frac{A}{4} + \frac{B}{2})$$

$$\begin{cases} 2A + 3B = 0 \\ \frac{A}{4} + \frac{B}{2} = 1 \end{cases} \Rightarrow \begin{cases} A = -\frac{3}{2} \\ B = 1 \end{cases}$$

$$\frac{1}{(3x^2 + \frac{1}{2}x + \frac{1}{4})} = \frac{-\frac{3}{2}}{(3x + \frac{1}{2})} + \frac{1}{(2x + \frac{1}{4})}$$

Que concluir agora? Que formados os quebrados iniciais do valor básico com cada espécie de fracção e realizado o produto dêles, em parêntesis, êsse produto é o 1.º factor do quebrado final (a seguir ao de contagem directa), sendo o 2.º obtido do mesmo modo que para apenas 2 espécies de fracções; mas

Que a intervenção do valor básico, a letra cheia, no denominador do 2.º factor é feita com elevação a um expoente igual a quantidade de espécies de fracções — 1 (4 espécies de fracções e expoente 4 — 1 = 3), concluindo-se daí que também é feita com elevação a potência para 2 espécies de fracções, visto que para 2 o expoente não é senão a unidade (2 — 1 = 1), que nada modifica;

Que, como se vê em parêntesis, o 2.º factor se simplifica, tratando-se de fracções com denominador de números seguidos, porque nesse factor quasi todas as quantidades se igualizam nos termos do quebrado.

(A concluir no próximo número).

A. A. de Magalhães e Silva.

CAMISAS AGENTE Tabu  
CABRILHAS  
MANGAS  
PERFUMES  
MIUDEZAS  
RIMOS DE BORDAS

## CASA DAS GRAVATAS

130, PRAÇA AFRASIO HENRIQUES, 152 — RUA 31 DE JANEIRO 5  
GUIMARÃIS  
TELEF. 188

## Atelier de Vestidos e Chapéus

## Armanda da Fonseca

Rua da República, 91

Onde se confeccionam as mais lindas toilettes, com brevidade e economia. Em chapéus, últimos modelos

## Ribeiro, Filho

ALFAIATE

Convida os Ex.ªs Clientes e amigos a visitarem a sua casa, e a examinarem os artigos de alta novidade, do sortido que recebeu para a estação de verão, com os preços marcados, do fato pronto a vestir, que tem em exposição na sua vitrine, e, além desses, muitos outros, que apresenta para escolher ao Largo do Conselheiro João Franco, desta cidade.

## Tubos usados

de todas as dimensões, para canalizações de água e em muito bom estado de conservação, vendem-se quasi de graça na

## CASA FERRO

RUA DA REPÚBLICA, 34  
GUIMARÃIS

### Orfeão de Guimarães. Récita de Apresentação

— Está definitivamente organizado o programa da récita da apresentação que este grupo artístico, sob a regência do maestro sr. Filinto Nina, vai dar num dos salões da Ordem de S. Francisco, no dia 31 do corrente.

Por especial deferência para com o Orfeão, e simpatia pela cidade de Guimarães, tomarão parte no espectáculo o conhecido professor e autor de várias canções regionais, o sr. Armando Leça, com a sua discípula sr.ª D. Maria Rosa Nobre e o professor do Conservatório do Porto, ex.º sr. José Ferreira das Neves.

O illustre publicista e autor de vários trechos cantados pelo Orfeão, sr. dr. Abílio de Mesquita, dirá algumas palavras sobre Orfeões.

Reina grande entusiasmo entre os orfeonistas pelo brilho que a sua festa está tomando.

São Madrinhas do Orfeão as ex.ªs sr.ªs D. Tereza Maria Mota Prego de Faria, D. Maria Rita Moura Machado e D. Maria Adelaide Meira Vieira Ramos.

Nesse mesmo dia, pelas 11 horas, haverá uma missa na igreja de S. Francisco, pela alma dos sócios do Orfeão, vivos e falecidos, acompanhada a cargo pelo Director do Orfeão e cantando o grupo coral o adoramente de Palestrina.

### Ocorrências

— Por se terem envolvido em desordem, na Praça de D. Afonso Henriques, foram presos e entregues ao Poder Judicial, Luiz António Ferreira, de 34 anos, casado, sapateiro, da freguesia de Urgezes, e Francisco Fernandes, de 31 anos, solteiro, sapateiro, da freguesia de Creixomil.

### Beneficência de Notícias

— Do nosso prezado amigo, sr. Armando Diniz Dias Corais, recebemos 20000 para os pobres, que distribuímos por 2 famílias necessitadas, em nome das quais agradecemos.

### Excursões

— Visitaram-nos, no passado domingo, os novos doutores da Universidade do Porto, que por esta cidade passaram em passeio e que, por intermédio do alto-falante que esteve instalado na Praça de D. Afonso Henriques, dirigiram uma saudação ao Povo Vimaranesense.

— De passagem, e em passeio de estudo, estiveram nesta cidade, visitando os nossos monumentos, os alunos das 3.ª e 4.ª classes do Liceu Nacional de «Camilo Castelo Branco», de Vila Real, que eram acompanhados por alguns professores.

— No domingo, à noite, regressaram do seu passeio de estudo, os alunos das 4.ª e 5.ª classes do Liceu de «Martins Sarmientos», os quais foram acompanhados nesse passeio pelos seus illustres professores srs. José Luiz de Pina e dr. Aventino Lopes Leite de Faria.

— As alunas do importante Colégio de N. S.ª da Consolação e Santos Passos, desta cidade, acompanhadas por algumas professoras do mesmo estabelecimento de ensino realizaram na quinta-feira o seu passeio anual a Felgueiras, Santa Quitéria, Amarante, etc., decorrendo na melhor ordem e com grande animação.

— Durante a semana finda foi esta cidade visitada por inúmeras excursões de todas as partes do país, visitando os excursionistas os nossos monumentos, Penha, etc.

### A Romaria Pequena de S. Torcato decorreu com brilho e foi muito concorrida

— A exemplo dos anos anteriores, realizou-se em S. Torcato, a denominada Romaria Pequena, que decorreu com muito brilho e foi largamente concorrida por muito povo das freguesias circunvizinhas e de outras de concelhos limítrofes, bem como desta cidade.

O programa foi rigorosamente cumprido. Houve as solenidades religiosas que decorreram com muita imponentia e constaram de missa cantada, de manhã, Sermão e Te.ª e Magestosa Procissão, à tarde. No prérito religioso tomaram parte muitos anjinhos, irmandades e confrarias, etc., etc. Atraz do pátio seguia o digno Juiz da Irmandade, sr. Alberto Pimenta Machado.

O arraial foi muito animado, tendo tomado parte as afamadas bandas dos B. V. de Guimarães e das Taipas, que se fizeram ouvir nos elegantes coretos do Largo do Mosteiro. O local estava lindamente ornamentado e embandeirado e durante todo o dia ouviram-se no ar muitas salvas de morteiros e à tarde foi queimada também grande quantidade de fogo de bonecos.

### Um magistral concerto pela Banda de Pevidém

— A Banda de Pevidém, conjunto artístico conhecido e muito apreciado em todo o norte do País, realizou no importante centro industrial de Pevidém o seu anunciado concerto, que ali atralou muitas pessoas desta cidade e de outras localidades, entre as quais se viam o illustre Juiz de Direito, sr. dr. Artur de Oliveira Valente, o digno administrador do concelho, sr. António José Pereira de Lima, os srs. dr. José Sebastião de Menezes, Francisco Pereira Mendes, representantes da Imprensa, muitas

senhoras, os industriais daquêlle importante centro fabril e elevado número de pessoas de todas as categorias sociais.

A audição foi escutada no meio do maior silêncio e satisfez em absoluto pela impecável execução, sendo muito aplaudidos todos os executantes e o seu digno regente sr. Arnaldo Ferreira do Val.

Felicitemos todos os componentes da Banda de Pevidém e todos aqueles que tem contribuído para o seu engrandecimento.

### Feira Franca e Festejos no Pevidém

— No importante centro Fabril do Pevidém, realiza-se no dia 14 de Junho próximo uma importante Feira Franca a que a Comissão Promotora procura imprimir grande brilhantismo.

No mesmo dia terão ali lugar grandes festejos, com iluminações, fogo, música e outras diversões.

### Tribunal do Trabalho

— Na passada 3.ª-feira, foi julgada, no Tribunal do Trabalho de Braga, a firma «Fábrica Têxtil de Vizela», que havia sido multada em 6.500000 escudos por infracção ao horário de trabalho, sendo condenada apenas em 500000 escudos de multa. Teve por defensor o dr. João Neto, distinto advogado nesta cidade.

### Guimarães no Brasil

— O importante e considerado «Diário Português», do Rio de Janeiro (capital federal da República irmã), no seu número de 19 de Abril p.º passado, dedica uma das suas páginas à nossa terra consagrando-lhe as mais elogiosas referências, acompanhadas de várias ilustrações dos Monumentos de Guimarães.

### Amadeu Almeida

— Este nosso bom amigo foi alvo dum carinhosa manifestação por parte dos alunos da Escola Comercial e Industrial Nun'Alvares, de Viana do Castelo, aonde era, há anos, inteligente professor.

A pesar de rápida a sua partida, na estação do Caminho de Ferro daquela cidade, compareceram os alunos da referida Escola dos quais o nosso amigo Amadeu José de Almeida recebeu provas de carinho e de estima, sendo com máguia que viam afastar-se o seu antigo e bondoso professor.

Ao bom amigo, que no meio viamente deixou as maiores simpatias, enviamos os nossos cumprimentos.

### Escolas de S. Francisco

— A fim de tratar da oficialização das Escolas da V. O. T. de S. Francisco, desta cidade, aspiração justíssima digna da atenção da entidade competente, a illustre Mesa desta secular instituição vai, brevemente, a Braga, interceder junto de Sua Ex.ª o sr. Governador Civil, naquêle sentido.

A Mesa da V. O. T. de S. Francisco far-se-á acompanhar do illustre Administrador do Concelho, o nosso querido amigo sr. António José Pereira de Lima.

Oxalá Suas Ex.ªs vejam coroados de bom êxito os seus desejos, são os votos que fazemos.

### Câmara Municipal do Porto

— Fazem parte, presentemente, da C. A. da Câmara Municipal do concelho do Porto, os respeitáveis vimaranenses srs. João de Paiva de Faria Leite Brandão, figura de prestigio da Armada Portuguesa, e dr. Luís de Pina, professor e médico distintíssimo, filho dilecto do nosso bom amigo, sr. Capitão Luís Augusto de Pina Guimarães.

A Suas Ex.ªs os nossos respeitosos cumprimentos.

### Mês de Maria

— Como conclusão do Mês de Maria, na Capela de Nossa Senhora da Guia realiza-se a Festividade, no dia 31, havendo ás 8,15 missa cantada; ás 16 horas, conclusão das novenas e consagração à Virgem, terminando com a bênção do Santíssimo Sacramento.

### Assistência Nacional aos Tuberculosos

— Alguns grupos de alunos do Liceu e da Escola Industrial e Comercial procederam ontem a um peditório a favor da A. N. aos T., sendo bem recebidas.

### Homenagem Póstuma ao P.º Gaspar Roriz

— Como já noticiamos, a direcção do Grupo Dramático Vimaranesense resolveu, ultimamente, levar a efeito, dentro em breve, uma homenagem Póstuma ao Saudosíssimo Vimaranesense P.º Gaspar Roriz, homenagem que a Cidade deve a quem soube ser, sempre através de tudo um grande bairrista.

Para trocarmos impressões reuniram-se ante-ontem, no Salão Nobre da Associação dos Empregados do Comércio alguns amigos do inesquecível P.º Roriz, a direcção do Grupo Dramático, direcção da A. de C. dos Empregados do Comércio, Academia, imprensa, etc., aos quais o director artistico do Grupo Dramático, sr. Américo Ferreira fez uma ligeira exposição e pediu a colaboração para a homenagem a prestar.

Ficou resolvido convidar várias outras entidades para uma reunião que deve realizar-se no próximo dia 1 de Junho.

### Eleição e Solenidade

— Procedendo-se à Mesa Administrativa

da V. O. Terceira de S. Domingos, desta cidade, para o biénio de 1937 e 1938, foram eleitos os irmãos seguintes:

Prior, António de Freitas Ribeiro; Sub-Prior, José Luiz de Pina; Secretário, Armando Umberto Gonçalves; Vigário do Culto Divino, P.º António da Costa Pereira Guimarães; Tesoureiro, Francisco Pereira da Silva Quintas; Vogais, Alberto da Cunha e Castro, António da Silva Xavier, José Pinto Pereira d'Oliveira, Manuel da Cunha Machado; Substitutos, Alberto Pimenta Machado, Alberto Vieira Braga, Alexandrino Pereira da Costa Guimarães, Francisco da Silva Martins, Manuel Fernandes Braga, Paulino de Magalhães.

### Comissão Auxiliadora do Culto e beneficência: Prioriza Honoriária, D. Carolina de Macedo Bastos; Prioriza efectiva, D. Luíza de Araújo Gomes Guimarães; Sub-Prioriza, D. Josefa Adelaide Meira; Vogais, D. Antónia Alves de Castro e Sousa, D. Deolinda Lobato Braga; D. Eva Ribeiro Braga, D. Maria Ludovina Ferreira.

Conforme a determinação do estatuto, no Domingo do Espirito Santo, 31 do corrente, na Igreja da Ordem, pelas 17 horas, fazer-se-á a publicação da respectiva mesa e mais actos religiosos que costumam realizar-se.

### NOTÍCIAS PESSOAIS

Com sua esposa e cunhada esteve nesta cidade o conceituado negociante portuense sr. Francisco Costa.

Também estiveram nesta cidade, os srs. Vitorino Correia Mesquita Diniz, Custódio José Gomes Ribeiro, João Marinho e P.º Ezequiel da Silva e Castro.

Fizou residência nesta cidade a sr.ª D. Esposina Salgado Gonçalves. — Em viagem comercial seguiu para Lisboa o sr. José Teixeira, sócio da Fábrica de Pentes do Ribeirão.

Esteve entre nós o nosso amigo sr. José Teixeira de Barros. — Com sua esposa foi, em passeio, a Fátima, Batalha e Alcobaça, o importante industrial e nosso amigo, sr. Alberto Pimenta Machado.

Passou ante-ontem o aniversário natalício do nosso amigo sr. Manuel da Silva Pinto dos Santos. Parabéns. — Tem passado doente o grande benemérito e nosso amigo sr. Manuel Pereira Bastos, a quem desejamos pronto restabelecimento.

Regressou de Lisboa o nosso bom amigo sr. José Jacinto Júnior.

### P E D I D O

José da Silva Machado, ex-proposto da Tesouraria Municipal, pede aos srs. industriais ou comerciantes a fineza de lhe darem quaisquer serviços nos seus armazens ou escritórios, para êste ir vivendo e seus filhos, até resolver nova situação, o que agradece.

José da Silva Machado  
R. Capitão Alfredo Guimarães.

### Casamento elegante

Realizou-se, na paróquia de Alcântara, em Lisboa, o casamento da sr.ª D. Ivone Costa Reynaldo, interessante filha da sr.ª D. Deolinda da Costa Reynaldo e do sr. Manuel da Silva Reynaldo, com o sr. Rollin de Macedo, filho da sr.ª D. Maria da Glória Lopes de Macedo e do sr. Joaquim Maria de Macedo, já falecido, servindo de padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Adélia Puga Fernandes e o tenente da Marinha, sr. António Fernandes, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria do Carmo Gouveia e o tenente da Marinha, sr. Dr. Manuel Nunes Gouveia, presidindo ao acto o prior da freguesia.

Terminada a cerimónia foi servido, na residência dos pais da noiva, um finíssimo lunch da Pastalaria Marques, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

### ANÚNCIO

Os abaixo assinados convidam os seus credores a apresentarem as notas dos seus respectivos créditos, até ao fim do corrente mês, no cartório do notário desta comarca Dr. Moreira Sampaio, a fim de se fazer, conforme oportunamente se acordar, a sua liquidação.

Guimarães, 21 de Maio de 1936.

Manuel da Fonseca e Castro.  
Glória Pinto Lisboa.

Lêde e propaguei a "Notícias de Guimarães",

### Nebliana — Sonetos

— por D. Bernardette de Castro Faria (Maria Camélia) — 1.ª Edição — 1936. — Pequena brochura com 35 sonetos. Maria Camélia, pseudónimo da sr.ª D. Bernardette de Castro Faria, não produziu bons versos, e é pena porque em muitos dêles há sinceridade e sentimento. Métrica e música são duas coisas essenciais que faltam em Nebliana. E' possível que Maria Camélia venha, no futuro, a ser perfeita, evitando as cacofonias que são frequentes neste seu primeiro livro. Sempre horrorosas e feias, minha senhora, as cacofonias, porque é necessário, a quem lê para outros ouvirem, um grande cuidado, evitando uma má interpretação de ouvido... Esta, por exemplo, que vem no 2.º terceto, 1.º verso do soneto «Ventura»:

«Feliz como eu, hoje não há ninguém».

Outra do soneto «Cinzas...», último verso do 2.º terceto:

«Que hora nos faz sorrir, ora chorar!»

### Defeitos — crêmons

— que a sr.ª D. Bernardette Faria será a primeira a corrigir, como outros mais, pois o emprêgo, num só verso, de consonantes repetidas mostra pouco gosto poético.

Este verso:

«Custa tanto trazer dentro do peito»

do soneto «Rir...» tem seis tt...

São de mais.

Mas deixemos, agora, a imperfeição natural dos primeiros versos que a mocidade lança ao vento.

Tem que se lhe perdoar... A autora revela-se, contudo, cheia de aspirações sublimes, de sentimentos puros, capaz de nos dar, em futuro breve, outros livros que a tornem um valor na poesia portuguesa.

Não veja, a illustre senhora, nesta crítica outra coisa se não o desejo de vê-la subir o monte do Parnaso, gloriosa e triunfante. Tem qualidades e força de vontade que não deve abandonar...

D. R.

### Guia dos Correios, Telégrafos e Telefones

Anuário — 12.ª Publicação

Coordenado pelo distinto funcionário, sr. Adelino dos Santos, muito digno official principal dos Correios, Telégrafos e Telefones, saiu este importante Guia, agora em distribuição, muito útil por indispensável a todos quantos exerçam uma profissão digna do seu nome e das suas qualidades de trabalho. Médicos, advogados, industriais, comerciantes, empregados, guarda-livros, funcionalismo militar e civil, todos encontrarão neste Anuário indicações preciosas, simples em todas as suas variadíssimas modalidades, pois é o mais completo possível que se conhece.

Possuir este Guia é ter-se a certeza de que se adquiriu um livro que nos ajuda a resolver uma dúvida, uma dificuldade, a mais difícil ainda, pois nada faltou aqui que não deixe de interessar e servir o seu consultor.

Edição cuidada e bem revista, com encadernação de luxo, honram a Imprensa Beleza, de Lisboa.

Todos os pedidos de informação e esclarecimento para assuntos deste Anuário, devem ser dirigidos ao Sr. Adelino dos Santos — Apartado 141 — Telefone 27 170 — Lisboa. — Obrigados pelos exemplares oferecidos.

### AFINADOR DE PIANOS

João da Fonseca, antigo afinador de pianos, participa aos seus inúmeros clientes que se encontra nesta cidade com demora de alguns dias, aguardando as suas ordens na Papelaria dos Ex.ªs Srs. L. Oliveira & C.ª, R. da República, junto ao Banco de Portugal. (115)

### Casimiras, as melhores, as mais baratas, as mais modernas, na Filial Pimenta Machado.

### DOENÇAS DOS OLHOS

### Dr. A. Vilas-Boas e Alvim

Com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris.

### CONSULTAS:

Em Guimarães: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 h. Em Braga: Todos os dias úteis. wj L. Barão S. Martinho, 78.

### Vejam diariamente as exposições de fatos com preços, na Filial Pimenta Machado.

### V E N D E - S E

Máquina Singer nova, com 1 ano de uso, por motivo de retirada. Informa esta Redacção. (114)

DO CONCELHO

S. Torcato, 23.

Diversas notícias.

Na 5.ª-feira da semana passada, realizou-se, na igreja paroquial desta freguesia, a festa em honra de Nosso Senhor, que foi muito brilhante e concorrida.

— A Romaria Pequena dos quinze de Maio, foi muito concorrida, tendo tudo decorrido com muita ordem e brilhantismo. A imagem do milagroso S. Torcato foi conduzida em procissão à nova capela da Agua-do-Santo.

— No domingo passado, deu nos a honra da sua visita a esta estância e à sua querida mãe, o nosso ilustre amigo, sr. José Mendes Meira, comerciante em Braga.

— No pretérito domingo deram nos a honra da sua visita a este local o distinto professor e jornalista sr. António José de Oliveira e sua ex.ª esposa Sr.ª D. Maria Olinda Gomes da Costa Fernandes.

— Na sexta-feira passada o rev.º abade desta freguesia, sr. Henrique José Gonçalves Pereira, celebrou missa sofregando a alma dd D. Maria Ribeiro de Faria e Silva.

— Os exercícios do mês de Maria que até a presente data se realizaram, teem sido muito frequentados tanto nesta freguesia como em Gominhães.

— Nesta e noutras freguesias próximas, a sementeira da batata já está concluída em quantidade, ao que nos informam, superior ao ano transacto.

— Nesta e noutras freguesias limítrofes, os agricultores trabalham, activamente, na sementeira do milho, feijão, etc.

É digno de louvor a actividade destes bons trabalhadores.

— Já se encontra completamente restabelecido de boa saúde o nosso ilustre amigo sr. dr. Francisco Fernandes, distinto clínico em S. Torcato. Felicitámo-lo.

C.

Não comprem fatos sem visitarem a Filial Pimenta Machado.

Fábrica de Cortumes de Roldes, L.ª

Para os devidos efeitos se annuncia que, por escritura desta data, lavrada pelo notário da comarca de Guimarães, Bacharel António José da Silva Basto Júnior, o capital desta sociedade, que era de 500 contos, foi elevado a 1.200 contos e foi alterado o contrato social nos termos seguintes:

a) O sócio Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, da sua quota de 50 contos, cedeu à firma José Mendes de Oliveira & C.ª, L.ª, uma parte igual a 26 contos.

b) Os sócios José Mendes de Oliveira e António Rodrigues Alves, também fizeram cessão àquella firma das suas quotas de 75 contos e 25 contos, respectivamente.

c) Em consequência da cessão indicada na alínea b), os cedentes nela referidos saíram da sociedade.

d) Aceitando a proposta que lhes fôra feita, resolveram entrar e entrar para a sociedade, da qual ficam fazendo parte, como sócios, D. Arminda Adelaide Baptista Sampaio Cardoso de Menezes, João Teixeira de Aguiar, D. Emilia Ciampella Teixeira de Aguiar, D. Laura Pereira de Castro Costa, João Maria Martins de Sequeira Braga e José Mendes de Oliveira & C.ª, L.ª.

e) Nestes termos, por acôrdo unânime dos sócios, foi reforçado o capital da sociedade com a quantia de 700 contos, adiciono-se um parágrafo único ao artigo 9.º do pacto social e foram alterados os artigos 3.º, 4.º, 5.º e § 2.º do artigo 11.º, que ficam substituídos pelos seguintes:

ARTIGO 3.º

O capital social, correspondente à soma das quotas de todos os sócios, é de 1.200 contos.

ARTIGO 4.º

As quotas dos sócios Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, D. Arminda Adelaide Baptista Sampaio Cardoso de Menezes e D. Emilia Ciampella Teixeira de Aguiar, são de 24 contos cada uma; a quota do sócio D. Laura Pereira de Castro Costa é de 48 contos; a quota do sócio João Maria Martins de Sequeira Braga é de 60 contos; a quota do sócio Joaquim Ribeiro da Silva é de 72 contos; as quotas dos sócios João Teixeira de Aguiar, D. Luíza Adelaide Cardoso de Menezes de Moraes e João Maria Cardoso de Macedo e Menezes, são de 84 contos cada uma; a quota do sócio José António Rodrigues Garcia é de 120 contos; e as quotas dos sócios Manuel Mendes de Oliveira, Belmiro Mendes de Oliveira e de José Mendes de Oliveira & C.ª, L.ª, são de 192 contos cada uma, e acham-se todas integralmente realizadas, o que expressamente se declara para todos os efeitos legais, à excepção da quota do sócio José António Rodrigues Garcia, por conta da qual o mesmo sócio apenas entrou na caixa social com a importância correspondente a 50 por cento, ficando obrigado a realizar os restantes 50 por cento com os lucros

líquidos annuaes que lhe forem atribuidos em cada balanço.

ARTIGO 5.º

A gerência da sociedade fica a cargo de todos os sócios, os quais desempenham as suas funções conforme determinação da Assembleia Geral.

Para que a sociedade fique obrigada, todos os documentos que envolvam responsabilidade devem ser assinados por dois dos gerentes, sem o que não terão validade, ficando desde já autorizados os sócios Belmiro Mendes de Oliveira, José Mendes de Oliveira & C.ª, L.ª, João Teixeira de Aguiar e João Maria Martins de Sequeira Braga a assinar os documentos de responsabilidade e que obriguem a sociedade, e só estes o poderão fazer.

ARTIGO 9.º — § UNICO

É igualmente dispensada a autorização especial da sociedade para a cessão, no todo ou em parte, da quota do sócio José Mendes de Oliveira & C.ª, L.ª, em favor dos seus actuaes sócios, ou de seus descendentes legítimos, para que a possam possuir em nome individual, e isto não só durante a existência da mesma sociedade, como também no caso da sua dissolução e liquidação.

ARTIGO 11.º § 2.º

Se o sócio falecido ou interdito não deixar descendentes legítimos ou consorte, e tiver irmãos que façam parte da sociedade, a estes ou aos seus descendentes legítimos, caberá o direito de preferência da sua quota.

Guimarães, 11 de Maio de 1936.

O Notário, António José da Silva Basto Júnior.

Impressões dum observador

De viagem para Fátima

Fátima, este lugar sagrado, de repouso, Fé e Penitência, onde os corpos descansam das suas lides diárias, aspirando o ar puro das montanhas junçadas de vinhedos, olivais e azinheiras, apesar do seu solo árido, rochoso e arenoso; Fátima, onde sopra, permanentemente, mesmo nos dias tórridos de pleno Agôsto, uma briza, às vezes demasiado fresca, mas sempre agradável, Fátima, outrora um ermo agreste e quasi inhabitável, completamente desconhecido e sem importância, é hoje, devido à sua "Cova da Iria", mundialmente conhecida e admirada, graças a Deus e à Virgem do Rosário, que se dignou descer do Céu à Terra, aparecendo e falando a três humildes pastores, quando estes, apascentando os seus rebanhos, de joelhos rezavam o Terço do Seu Santíssimo Rosário; Fátima, onde acorrem, diariamente, centenas e centenas de peregrinos; Fátima, visitada nos dias 12 e 13 de cada mês, por centenas de milhares de peregrinos, nacionais e estrangeiros, para pedir graças e cumprir as suas sagradas promessas à Virgem, e onde as almas aspiram o odor da graça celestial, vibrando de entusiasmo santo e divino, e deixando, por momentos, a Terra e tudo quanto a rodeia, para se elevarem, como que em extase, através do espaço infinito, até ao Céu, Pátria para que todos fomos criados, e a que, igualmente, todos devemos aspirar, deve ser, nestes 20 anos mais chegados, uma pequena e nova cidade — uma grande Lourdes Portuguesa!

A sua suntuosa basílica, ora em construção, e que será a maior de todo o País, ficará sempre a atestar, através dos tempos, a Fé inabalável dos homens, dos bons portugueses, dos portugueses que se prezam!

Há, porém, por enquanto, aqui, algumas deficiências e até abusos, a que urge pôr termo, não só para bom nome da terra, mas das próprias autoridades portuguesas, para quem apelações, por meio desta desprezenciosa crónica, e de quem esperamos que justiça seja feita.

No combóio, em que há dias viajamos, do Porto para Chão de Maçãs, dirigiam-se para Fátima (no dia 12) inúmeros carteiristas, em exercício de suas funções... esperando operar... mais livremente na saída do combóio, e em Fátima, sobretudo.

Muitos deles, porém, não conseguiram os seus almejados intentos, pois uns, antes, outros, em Seissa e Chão das Maçãs, foram abarbatados por alguns agentes.

Não obstante isso, deram-se aqui alguns roubos, o que significa que alguns "profissionais", da *nobre arte*... ainda se escaparam pelas malhas da seda, ou por não serem vistos... ou por serem desconhecidos... dos senhores agentes, ou, ainda, por já estarem regenerados... Parcerá um absurdo, mas é um facto constatado e consumado, infelizmente!

Também é deveras de lamentar que, tendo nós saído do Porto, no dia 12, no correio das 8,35 horas da manhã, tivéssemos pretendido emitir um telegrama, de Alfaiates para Fátima, na ambulância do mesmo combóio-correio, onde, para o efeito nos dirigimos como o telegrama feito, e ali nos tinha sido dito que não podiam emitir o telegrama para Fátima (Cova da Iria), em virtude de aqui não haver posto telegráfico!

Nós, porém, dissemos que sim, que havia, que tinhamos disso a certeza, pelo menos nos dias 12 e 13 de cada mês (época de Verão, ou das aparições). Foi-nos então mostrada a lista das estações telegráficas, referente a 1936, e onde, de facto, não existia, que vissemos, o posto ou estação telegráfica

de Fátima (Cova da Iria), continuando a afirmar que havia, ainda mesmo que ali não constasse.

Uma vez chegados a Fátima, constatamos mais uma vez que havia, e que a sua ignorância na dita ambulância nos tinha causado certo transtorno.

Por isso, chamamos para o caso a atenção do ex.º sr. dr. Engenheiro Couto dos Santos, muito digno Director Geral dos Correios e Telégrafos, esperando que ele remedie essa falta com a urgência possível, mandando anotar, mesmo com tinta, e o que já temos visto, se não estamos em erro, como na ocasião dissemos, em algumas listas.

Acresce que muitos peregrinos, chegados em 12 e 13, de combóio, a Chão de Maçãs e, possivelmente, a Seissa, vêem-se em palpos de aranha para conseguirem camionete para Fátima (Cova da Iria), em virtude dos senhores empresários, não obstante os preços exorbitantes e inadmissíveis, (10\$), de combinação com alguns dos senhores peregrinos mais devotos... e esportos, dizem que estão as camionetes tomadas por famílias inteiras e que, se crescer algum lugar, o cedera!

Foi o que aconteceu, no dia 12 do corrente, à chegada a Chão das Maçãs, pelas 15 h. e tal, do combóio correio do Porto-Lisboa, com as camionetes do sr. António Rodrigues de Deus, de Ourém, e com as outras que por sua conta trabalhavam, que eram todas! Ora, francamente, isto assim não está bem; isto assim não pode ser! Depois, os 10\$00 por passageiro, *só de ida*, e sem que, para isso, entreguem o respectivo bilhete, para não dar tanto na vista, é um abuso inqualificável como intolerável!

Chamamos, para o caso, a atenção do Conselho Superior de Viação, e da Policia de Trânsito e Vigilancia das Estradas, esperando que, de futuro, e em tais dias, estejam ali cabos desta Policia, ou da G. N. R., bem como em Seissa (apeadeiro), e Leiria (estação), onde, por certo, se cometem idênticos abusos, que arrelham e deslustram, para que se evite tal prática!

Não obstante os preços exorbitantes e inadmissíveis das poucas e fracas pensões que aqui, na Cova da Iria, há, nenhuma delas possui retrete, o que tem sido notado e censurado por milhares de hóspedes, e com razão, pois tal falta não deve ser tolerada, por incivil, anti-higiênica e absurda!

E' de esperar que o Conselho Nacional de Turismo tome providências e averigüe o que faz a Delegação de Saúde, em tal sentido, pois isto assim não pode, nem deve continuar!

Há também por aqui, em 12 e 13 de cada mês, umas barracas do Porto, e talvez da Figueira, que fornecem "caldo verde", em malgas que são autênticas e bem pequenas chavenas, mas o que estas teem de pequenez, tem o seu preço, no fim, de exorbitante e intolerável, pois custam 1\$50 e 2\$00 cada, deixando os fregueses desconsolados e estupefactos!

O mesmo acontece com o café e outras bebidas e comida servidas pelas mesmas barracas, não obstante a sua falta de limpeza e higiene, em todas elas; e a falta, até, de educação e moral, pelo mesmo nome, o que se torna, para o meio, bastante escandaloso, e com o que urge acabar.

Seria para desejar que houvesse aqui, em Fátima, e perto da Cova da Iria, um grande hotel, senão mais, com, pelo menos, 400 a 500 quartos de dormir, boas e espaçosas salas de jantar, retretes, quartos de banho, etc., embora aberto só de Verão, posto que em todos os dias do ano pudesse ter mesmo bastantes hóspedes, caso se conservasse aberto todo o ano.

Um abuso com que também é preciso acabar, é o dos vendedores ambulantes de objectos religiosos que, não obstante o não pagarem direitos, como os das barracas, estragaram o negócio a estes, além de importunarem os peregrinos, atravessando-se à sua frente e collocando-lhes medalhas e outros objectos na lapela dos casacos, sem que a isso tenham sido convidados, e exigindo sempre o seu valor triplicado ou mais, dizendo, muitas das vezes, que o excedente é para o Santuário de N. Senhora de Fátima, por conta de quem vendem, e sem que para isso tenham sido pelo mesmo autorizados, pois o Santuário nada vende, nem manda vender *extra muris*.

Urge, pois, que as autoridades competentes tomem as providências que o caso requiere, e que os peregrinos fiquem de sobre-aviso.

Nesta faina andam também algumas senhoras, se é que os vestidos fazem estas, e não estas os vestidos, vendendo postais, medalhas e outros objectos religiosos, dizendo ainda que é por conta do Santuário e com conhecimento e consentimento do ex.º Prelado de Leiria, bem como do Dig.º Reitor da Cova da Iria, fazendo-se, para isso, acompanhar dum braselêto, como se fossem freiras ou outras religiosas, quando, afinal, de religiosas ou freiras nada teem, e sem que estas suas afirmações tenham fundamento algum, como já o disseram o ex.º Prelado, e Reitor do Santuário da Cova da Iria.

Tomem, pois, cuidado os ex.ºs peregrinos, para não se deixarem ludibriar por tão santas... e devotas... senhoras.

Como já é do domínio público, nos dias 12 e 13 de cada mês, há, na Cova da Iria, os alto-falantes, por meio dos quais, os peregrinos podem acompanhar todos os actos do culto, bem como saber de objecto e pessoas que aqui se percam, e que se podem encontrar, facilmente, no hospital, dentro do recinto.

Pena é que estes alto-falantes sejam, por enquanto, poucos, e quasi só

Advertisement for 'A BRASILEIRA' coffee and pastries. Features a large star-shaped logo with a portrait of a man drinking coffee. Text includes 'MELHOR CAFÉ DO BRASIL', 'MARCA REGISTRADA', 'Casa especial de café do Brasil e Pastelaria', '61, Rua de Sá da Bandeira, 91', 'Telefones 379 e 405', 'PORTO', and 'Francisco Joaquim de Freitas & Genro, Praça D. Afonso Henriques, 70'.

no fundo da Cova da Iria, pois seria muito para desejar que fossem instalados alto-falantes, posto que, *inter muros*, ao cimo, em frente da estrada, por dentro dos três portões principais de entrada.

Fátima, 17-5-936.

José Ferreira dos Santos.

Idem, 21-5-936.

Fátima, esta estância sagrada, de Fé, repouso e turismo, continua a ser imensamente visitada.

Chegaram aqui, ontem, e ainda se encontram aqui, peregrinações dos Colégios das Irmãs Doroteias de: — Póvoa de Varzim, V. do Conde, Porto, Visen, Figueira da Foz, Sintra, Lisboa (S. Vicente de Fora e D. Estefânia), Covilhã, Évora, Beja, Faro, Lardão (Gaia), etc.

Além dos colégios destas diferentes terras, temos excursões de todas as mesmas e de; Castro Daire, Coimbra (Arazedo), Santa Catarina (Leiria), esta com cerca de 2.000 peregrinos, que anualmente visitam Fátima.

Sua ex.ª sr. Bispo de Leiria assiste às cerimónias. O entusiasmo foi e continua grandioso, atinguindo o seu auge!

Entre os excursionistas e peregrinos vimos e cumprimentamos o nosso grande amigo sr. A. Pimenta Machado e sua ex.ª esposa. Que suas ex.ª tenham feito boa viagem!

Devem estar aqui cerca de 4 a 5 mil peregrinos. Enviaremos, depois, crónica prometida.

J. F. dos Santos.

ANÚNCIO

Vende-se ou aluga-se um edificio apropriado a estabelecimento fabril, ou qualquer outro fim, situado em bom local, dentro da cidade.

Para informações: — Gomes Alves, Matos & C.ª — Praça D. Afonso Henriques, 68 — Guimarães. (119)

Nossa Senhora da Lapinha

CALVOS — Guimarães

Na Lapinha, mirante de beleza rústica, d'onde se avistam extensos vales de vegetação exuberante, paisagens e horizontes de maravilha, realiza-se:

DOMINGO, 31 DE MAIO

Festa do Espírito Santo

Na véspera, dia 30, ás 10 horas da noite, será lançado ao ar variado fogo de artifício, o local embandeirado e profusamente iluminado.

Domingo, 31, ás 11 horas, terá lugar a solenidade religiosa, constando de Missa solene, a grande instrumental, e sermão por um distinto orador. Pelas 4 horas da tarde, sairá a procissão, acompanhada de um luzido cortejo de anjinhos e figuras alegóricas, clero e irmãos, e sob o pálio será

conduzido o Santo Lenho, fechando o préstito a banda de música do Pevidém.

Depois de recolher a procissão, durante a tarde, as afamadas bandas dos B. V. de Guimarães e a do Pevidém, executarão as melhores peças dos seus variados repertórios.

DOMINGO, 14 DE JUNHO

Procissão a Guimarães

Pelas 11 horas, depois da solenidade religiosa, sairá da capela-mór do Santuário, em construção, a veneranda e milagrosa imagem de Nossa Senhora da Lapinha, — **Padroeira dos Agricultores** —, para a sua visita anual à cidade de Guimarães, piedoso e comovente clamor, que se realiza, com a máxima imponência, desde 1656 — há 280 anos —, em cumprimento do voto do povo das 7 freguesias circunvizinhas.

Acompanhada por milhares de devotos, de ambos os sexos, será exposta este ano à veneração dos fiéis, durante algumas horas, na Igreja da V. O. Terceira de Nossa Senhora do Carmo, em virtude de se proceder actualmente a obras de restauro no templo da Insigne Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

HARMONIUM

Vende-se, completamente novo, marca Lindholm, alemão, modelo actual, com as seguintes características: madeira Caoba, escura, 4 oitavas, 8 registos, 2 jogos e 2 joelheiras de expressão.

Absolutamente expressivo e harmonioso. Esta redacção informa. (106)

FALECIMENTOS

Contando 85 anos de idade faleceu, há dias, a sr.ª D. Amelia Adelaide Ribeiro Campelo (Salgadinho). O seu funeral realizou-se na segunda-feira, na capela da V. O. T. de S. Francisco, com a assistência de várias pessoas das relações da família.

Também faleceu, em avançada idade, a sr.ª D. Leocádia d'Assunção Malheiro Guimarães, tia da esposa do nosso prezado amigo sr. Armando Andrade e do também nosso amigo sr. Elísio Abreu, aos quais, bem como à restante família, apresentamos condolências. O seu funeral realizou-se na última quarta-feira, na igreja da Misericórdia, sendo muito concorrido.

Em Santarém faleceu o nosso conterrâneo sr. Albano Lemos, que à Santa Casa da Misericórdia desta cidade deixou a quantia de 20 contos.

Com 75 anos de idade faleceu no Hospital de S. Domingos o sr. António Freitas Vieira Guimarães, tio dos nossos bons amigos sr. dr. Iséias Vieira de Castro, distinto médico, e Adalberto Vieira de Castro.

O seu funeral foi bastante concorrido.

Pezames às famílias doridas.

VENDE-SE

Um motor a óleo de 12/14 HP, marca alemã Deutz, sistema Diesel, de 2 tempos, em segunda mão, mas só com seis meses de uso, por preço módico.

Falar a Gomes Alves, Matos & C.ª — Guimarães. (95)

Aos Agricultores

Não comprem adubos sem primeiro consultar os preços da nossa casa.

Na cultura do Milho

Adubos simples Adubos compostos para todas as culturas.

Sulfato de amónio Nitrato de sódio Cal azotada Fosfato Tomaz Fosfato Alegre Superfosfato de cal Sulfato de potassa Cloreto de potassa.

Pedidos a

Costa & Irmão, L.ª

CASA DAS SEMENTES (90)

Rua de S. Dâmaso, 21 — GUIMARÃIS